

ISSN: 1678-7145 | E-ISSN: 2318-4558

Seção Dossiê
Volume 27, Número 2, maio-agosto de 2025Submetido em: 31/05/2025
Aprovado em: 04/08/2025

LEITURAS DE INTELECTUAIS NEGROS PELO MOVIMENTO ESTUDANTIL: entre estudos, trabalho e debate político

***LECTURAS DE INTELECTUALES NEGROS DESDE EL MOVIMIENTO
ESTUDIANTIL: entre estudios, trabajo y debate político***

Ana Maria MOTTA RIBEIRO¹
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Elizabeth ARRUDA²
Universidade De São Paulo (USP)

Geovana MELO³
Universidade Federal Fluminense (UFF)

João Pedro de Sá MONTEIRO⁴
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Resumo: Este artigo explora a experiência do Diretório Acadêmico de Estudantes Negros de Ciências Sociais da UFF, uma iniciativa autônoma dedicada à leitura e ao aprofundamento em intelectuais negros. Destaca-se o encontro desses estudantes com a docência de Ana Maria Motta, professora que acolhe perspectivas insurgentes e críticas, fomentando uma formação

¹ Professora do Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (UFF), membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito (PPGSD/UFF) e Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas “Observatório Fundiário Fluminense-UFF” (OBFF) – E-mail: an_motta@id.uff.br – Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2761-3539>.

² Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestranda em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP) – E-mail: elizabetharruda.azevedo@gmail.com – Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-9481-7357>.

³ Bacharel em ciências sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com mestrado em Sociologia pela mesma universidade. Atua como curadora em museus públicos articulando o debate de território, relações raciais, movimentos sociais nas artes e cultura – E-mail: geovanamelo@id.uff.br – Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-5952-4165>.

⁴ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e mestrando em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP) – E-mail: joaopedromonteiro@usp.br – Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8102-0374>.

acadêmica comprometida com saberes negros e a transformação das práticas pedagógicas tradicionais.

Palavras-chave: Movimento estudantil. Intelectuais negros. UFF.

Resumen: Este artículo explora la experiencia del Directorio Académico de Estudiantes Negros de Ciencias Sociales de la UFF, una iniciativa autónoma dedicada a la lectura y profundización de intelectuales negros. Se destaca el encuentro de estos estudiantes con la docencia de Ana María Motta, profesora que acoge perspectivas insurgentes y críticas, fomentando una formación académica comprometida con los saberes negros y la transformación de las prácticas pedagógicas tradicionales.

Palabras clave: Movimiento estudantil. Intelectuales negros. UFF.

Introdução

Escrevemos este artigo para registrar um processo significativo na trajetória de ambos os interlocutores: de um lado, os estudantes negros como integrantes do movimento autônomo Diretório de Estudantes Negros de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (NECS/UFF); de outro, a professora Ana Maria Motta Ribeiro, como apoiadora, que reconheceu a importância das discussões que se construíam fora das salas de aula e convidou esses debates a ingressarem no espaço acadêmico formal. Longe de constituir um ato de vaidade ou reconhecimento individual, este trabalho busca revelar os encontros e aprendizados surgidos de uma prática de ensino-aprendizagem que valoriza as necessidades dos alunos e a disposição do docente em adaptar e reconsiderar sua formação tradicional.

Ressaltamos que não há rejeição, de nenhuma das partes, à leitura, ao conhecimento e ao debate sobre os clássicos da ciência social ocidental⁵ na formação das ciências humanas. Contudo, defende-se a ampliação das formas de produção de conhecimento, incorporando contribuições subutilizadas. Nesse sentido, o compromisso com uma produção acadêmica crítica e rigorosa permanece, mas agora inclui, de forma explícita, os intelectuais negros como forma de avançar em direção ao que Guerreiro Ramos denominou "redução sociológica" (Ramos, 1996) e que Clóvis Moura aprofundou como "sociologia do negro brasileiro" (Moura, 2020).

⁵ Com isso, leiam-se os clássicos convencionais, Durkheim, Weber e Marx.

Para isso, reunimos quatro sociólogos para serem interlocutores desta experiência. A professora Ana Maria Motta Ribeiro, contribuindo com o tópico "A descoberta do NECS como fonte estudantil negra e autônoma", onde relata sua aproximação ao movimento, destacando a sua influência em sua prática docente. Elizabeth Arruda, em "Metodologia de leituras coletivas no movimento negro estudantil", explora como o NECS tentou subverter os desafios sociais e propôs formas de leituras em grupo. João Pedro de Sá Monteiro, em "Encontro com Clóvis Moura", aborda o impacto do autor em sua formação crítica e trajetória acadêmica, enquanto Geovanna Melo, no tópico "Encontro com Beatriz Nascimento", destaca como o legado da autora ampliou suas perspectivas acadêmicas e pessoais.

A conclusão e a introdução, foram escritas coletivamente, visando demonstrar a importância do diálogo contínuo entre iniciativas autônomas e práticas pedagógicas críticas, visando fortalecer uma sociologia viva (Ribeiro *et al.*, 2018).

Este artigo, resultado de um esforço coletivo, não apenas nos convida a revisitar um passado recente, mas também se torna, em si, mais um espaço de encontro. Nesse processo, debatemos, concordamos, discordamos e, o mais importante, ensinamos e aprendemos. Tal dinâmica evidencia o caráter processual do ensino-aprendizagem, que se constrói à medida que Elizabeth, João e Geovanna avançam em suas trajetórias acadêmicas, enquanto a Profª Ana Maria Motta Ribeiro revisita e aprofunda o debate racial, mesmo às vésperas de sua aposentadoria na graduação.

Desejamos aos leitores deste artigo uma leitura enriquecedora e reflexiva.

1. A aproximação ao NECS como organização estudantil, negra e autônoma

Em 2020, durante a pandemia causada pela Covid-19, descobri, de forma casual, no contexto de uma disciplina de Ciências Sociais em sentido amplo - sociologia, antropologia, ciências sociais e ciência política - o Diretório de Estudos Negros de Ciências Sociais.

Além das leituras habituais, o grupo decidiu realizar oficinas de leitura e formação com autores negros, direcionadas para estudantes negros da graduação. Dessa iniciativa, surgiu um diretório estudantil paralelo, pensado por e para estudantes negros. O compromisso e a seriedade do grupo foram tão notáveis que, ainda em 2020, a proposta foi apresentada formalmente na plenária do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (ICHF), conquistando parte das cadeiras de representação estudantil na instituição.

LEITURAS DE INTELECTUAIS NEGROS PELO MOVIMENTO ESTUDANTIL

Tratava-se de um grupo de jovens, muito jovens, mas igualmente sérios, que combinavam alegria e determinação mesmo em pleno período de negativismo e adversidade.

Em poucos anos, foi criado um acervo interdisciplinar impressionante (não necessariamente oficial). Esse material foi acumulado e disponibilizado publicamente, de forma gratuita, visando fomentar o conhecimento, a formação e a leitura de autores negros. Essa iniciativa rompeu as barreiras do apagamento, esquecimento, secundarização e dispersão do pensamento intelectual negro, ao mesmo tempo, em que estabeleceu conexões significativas com o Materialismo Histórico Dialético.

Um grupo precursor de um novo paradigma de reprodução acadêmica nas Ciências Sociais da UFF, marcado por criatividade, inovação e resiliência. Com cheiro, gosto e tato únicos, desbravaram coletivamente as barreiras de uma formação acadêmica nas áreas humanas para jovens negros e de classes populares. Um verdadeiro oásis no deserto!

Prestes a se formar como bacharéis, pelo menos cinco deles ingressaram na pós-graduação. Dois, Elizabeth Arruda e João Pedro de Sá Monteiro, coautores deste artigo - ingressaram na Sociologia da Universidade de São Paulo. Duas, entre elas Geovanna Melo, também coautora, ingressaram na pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense, enquanto outro membro foi para o Iesp/Uerj. Minha experiência com esse coletivo de estudantes foi extremamente valiosa para mim.

Em 2020, como uma mulher branca posicionada politicamente enquanto antirracista e comprometida com os princípios de uma sociologia viva e insurgente que busca conectar teoria e prática de maneira dinâmica e engajada que prioriza a inclusão de vozes historicamente marginalizadas (Ribeiro *et al.*, 2018), vi nessa oportunidade não apenas a chance de contribuir, mas também de aprender e tomei a decisão de assumir a disciplina Sociologia das Relações Raciais I, que naquele semestre estava sem professor.

Totalmente consciente do novo fenômeno que emergia no curso, me senti confiante em convidar o NECS para, junto comigo, assumir a “regência” da disciplina na graduação em Ciências Sociais. Foi uma experiência enriquecedora e marcante.

Trabalhei com um grupo de cinco alunos - Elizabeth Arruda, João Pedro de Sá Monteiro, Geovanna Melo, Vitória Ribeiro e Pamella Lima - em uma proposta que integrava Estágio Docência e Monitoria. Estabelecemos uma parceria com reuniões mensais, nas quais preparávamos o programa da disciplina, selecionávamos a bibliografia e discutíamos as contribuições de cada lado. Eu oferecia meu acúmulo teórico e didático, enquanto eles traziam

LEITURAS DE INTELECTUAIS NEGROS PELO MOVIMENTO ESTUDANTIL

suas leituras, experiências com oficinas e sugestões para ampliar a lista de títulos e assuntos, além de incluir pautas da luta política da negritude que defendiam. Repito, foi uma experiência ilustrada e especial!

Decidimos nomear a disciplina Sociologia das Relações Raciais I: “Ciência Negra, Marxismo Negro e Insurreições Negras no Brasil” (Ribeiro, 2021), inspirados pelos novos debates que vinham sendo realizados em torno da relevância do pensamento negro crítico. Localizávamos Clóvis Moura como um dos grandes contribuidores para esse campo, cuja obra oferece análises profundas sobre a insurgência negra e suas relações com a formação social brasileira. Além disso, fomos fortemente influenciados pelo livro Marxismo Negro: a criação da tradição radical negra, de Cedric Robinson⁶, um marco teórico que aborda as articulações entre raça e classe no capitalismo global.

Mantivemos reuniões quinzenais para acompanhar a disciplina, que despertou grande interesse entre os alunos, não apenas negros. A seleção dos textos, sempre curtos, foi feita pelo NECS e eu os li com os estudantes, participando ativamente do processo coletivo de aprendizado. Revisitamos intelectuais negros sob novas perspectivas e promovemos debates com representantes da luta negra, como o professor Fábio Nogueira⁷. Ao final, a avaliação foi muito positiva em termos de notas.

É inenarrável esse trajeto para minha formação. E, se existiu uma preferência em termos de reconhecimento paradigmático, entre nós nesse processo, ela ficou definitivamente estabelecida em Clóvis Moura como Sociólogo do Brasil no “fazer da classe trabalhadora” e em Beatriz Nascimento pelo fazer-se agência social pela cultura racialmente moldada.

Aqui apresento, neste artigo, três autores do Dossiê que ilustra minha trajetória na UFF, pois estou às vésperas da aposentadoria compulsória - a meu pesar! - e, por exigência da linha editorial da Revista, mestrandos não podem assinar como autores únicos. Portanto, leitores, não atribuam às minhas palavras um significado maior do que o de uma expressão sincera do meu encantamento como aprendiz, cada vez mais consciente ao longo da vida. Convido-os a se voltarem para esses autores - todo o meu elogio e reconhecimento são para eles!

⁶ O livro de Robinson foi posteriormente incluído nas discussões do grupo de Apoio Mútuo, organizado por Jean Tible, professor de Ciência Política da USP e também orientador do meu pós-doutorado.

⁷ Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Doutor em Sociologia pela USP (2015), possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (2002) e mestrado em Sociologia e Direito pela Universidade Federal Fluminense (2009). Durante seu doutorado, foi Pesquisador Colaborador Visitante da Universidade de Princeton e Pesquisador do Museu Nacional José Martí / Universidade de Havana. Desenvolve pesquisas nas áreas de Teorias Críticas e Negritude e é membro do Grupo de Pesquisa CELACC/USP. É autor de Clóvis Moura: trajetória intelectual, práxis e resistência negra (Eduneb, 2015).

LEITURAS DE INTELECTUAIS NEGROS PELO MOVIMENTO ESTUDANTIL

2. Metodologia de leituras coletivas no movimento negro estudantil

O movimento estudantil brasileiro foi um importante foco de resistência política durante a ditadura militar (1964-1985), utilizando estratégias de mobilização que iam desde ações clandestinas até a formação de redes solidárias para enfrentar a repressão (Gohn, 2016). A redemocratização, fez com que o movimento estudantil tivesse que redefinir sua agenda e se articular em um cenário de crescente pluralismo político no ensino superior e a diversificação de pautas (Gohn, 2016; Mesquita, 2003). O ingresso de estudantes de diferentes realidades sociais, impulsionado pela ampliação das políticas de cotas, em 2012, trouxe novos desafios ao movimento estudantil, essa inclusão gerou tensões internas, à medida que demandas antes invisibilizadas passaram a ocupar o centro das discussões (Gohn, 2016).

No contexto específico da Universidade Federal Fluminense (UFF), o processo de implementação das ações afirmativas de caráter étnico-racial revela um percurso marcado por tensões e resistência institucional. Embora as políticas de cotas raciais tenham sido amplamente debatidas no Brasil, a UFF adotou tais medidas de forma tardia, apenas após a promulgação da Lei n. 12.711/2012 (Silva *et al.*, 2020). Inicialmente, a universidade justificava sua posição alegando que as desigualdades eram majoritariamente de ordem social, e não racial, o que retardou a inclusão de critérios étnico-raciais em suas políticas de ingresso (Barbosa, 2022).

Foi apenas a partir da pressão exercida por coletivos de estudantes negros, que denunciaram irregularidades e apontaram fraudes nas cotas raciais, que a universidade começou a implementar mecanismos de fiscalização mais rigorosos. Em 2016, o Ministério Público questionou oficialmente a instituição sobre as medidas adotadas para verificar a elegibilidade dos candidatos às vagas destinadas a ações afirmativas, o que forçou a UFF a instituir exigências formais, como a autodeclaração racial (Silva *et al.*, 2020).

Neste contexto, em 2017, a universidade cria a Assessoria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade (AFiDE/UFF) com o intuito de gerir e administrar os conflitos surgidos a partir da implantação da Comissão de Aferição de Autodeclaração, no primeiro semestre de 2017, para coibir possíveis casos de fraudes. Vimos o número de alunos negros admitidos por cotas nos últimos anos saltar de 407, em 2014, para 7.761, no segundo semestre de 2018 (Guimarães; Rios e Sotero, 2020 p. 310).

No cenário das ações afirmativas na UFF destacou-se a atuação do Coletivo de Estudantes Negros da UFF (CENUFF, 2012). Anterior ao CENUFF, houve o Grupo de Trabalho André Rebouças (GTAR), criado em meados de 1970, formado por estudantes negros e negras da UFF, que passaram a realizar anualmente a Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira (Grupo de trabalhos André Rebouças – GTAR, 1985) (Nascimento, 1985).

Em 2016, houve a Ocupação Preta, uma reposta às ocupações que aconteciam em torno da Proposta de Emenda Constitucional 55⁸ reivindicando uma perspectiva racializada sobre os impactos da PEC. No ano seguinte, com a abertura de uma vaga para um novo docente no quadro de professores do Departamento de Sociologia, os estudantes, membros do Diretório Acadêmico Raimundo Soares (DACS/UFF), mobilizaram-se para que o candidato selecionado fosse um especialista em sociologia das relações raciais, contrariando a programação inicial da instituição, que priorizava a área de sociologia rural.

Esse movimento, impulsionado pelas demandas do associativismo negro estudantil, resultou, em 2017, na incorporação ao corpo docente do departamento de uma professora qualificada para ministrar a disciplina Sociologia das Relações Raciais. Essa conquista representou um avanço significativo para a instituição e para os movimentos associativistas, que há tempos reivindicavam a ampliação do quadro de docentes especializados em intelectuais negros, visando o fortalecimento das ementas voltadas para a questão racial. Neste mesmo ano acontece a fundação do Núcleo de Estudos e Pesquisa Guerreiro Ramos, inicialmente coordenado pela Professora Flávia Rios.

Foi somente em 2020 que um núcleo de estudos sobre questões raciais, criado no âmbito do Diretório Acadêmico Raimundo Soares (DACS/CS) por iniciativa de estudantes negros, se desvinculou do DACS e passou a se autodenominar Diretório de Estudos Negros de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (NECS/UFF). Esse Diretório Acadêmico, voltado exclusivamente para e por pessoas negras no campo das ciências sociais, tinha como objetivo ampliar os debates sobre questões raciais, evitando que fossem tratados apenas como temas isolados ou secular.

⁸ Para saber mais sobre a PEC 55 ver: Senado Federal. PEC que restringe gastos públicos é aprovada e vai a promulgação. Senado Notícias, Brasília, DF, 13 dez. 2016. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/13/pec-que-restringe-gastos-publicos-e-aprovada-e-vai-a-promulgacao>. Acesso em: 09 ago. 2025.

LEITURAS DE INTELECTUAIS NEGROS PELO MOVIMENTO ESTUDANTIL

Entre as motivações para a separação dos Diretórios Acadêmicos estava a busca por criar um espaço que atendesse ao "novo perfil de aluno". Esse perfil era caracterizado por estudantes que enfrentavam duplas jornadas, dividindo seu tempo entre estudar e trabalhar, o que impactava diretamente o desempenho acadêmico. Essa realidade trazia desafios como o desgaste físico e emocional, a falta de tempo para se dedicar integralmente aos estudos e a dificuldade de equilibrar as exigências do trabalho com as responsabilidades acadêmicas (Abramo; Venturi; Corrochano, 2020).

A crescente necessidade de tratar as questões raciais como temáticas transversais, e não restritas a uma única disciplina ou segmento, ganhou força ao longo dos anos e transbordou os limites institucionais, levando os estudantes a criarem seus próprios grupos de leitura. Essa iniciativa refletia uma tentativa de ampliar e aprofundar o debate, alinhando-se à tradição das ciências sociais brasileiras que, “desde os seus primeiros momentos, concederam um lugar central em sua agenda de pesquisa ao tema da raça”, sendo este um dos campos “mais antigos, prolíficos e reconhecidos das ciências sociais brasileiras” (Campos, 2015, p. 1).

Se, por um lado, Gilberto Freyre, com *Casa-Grande & Senzala* (1933)⁹, na Antropologia, e Donald Pierson, com *Brancos e Pretos na Bahia* (1971)¹⁰, na Sociologia, foram e ainda são estudos emblemáticos para o debate sobre relações raciais no Brasil, por outro, o NECS direcionava seu interesse para trabalhos desenvolvidos por autores ligados ao associativismo negro. Esses autores, cuja trajetória acadêmica não elitizada emergiu na produção intelectual das ciências humanas, incluíam Guerreiro Ramos (1958)¹¹, no Teatro Experimental do Negro, Clóvis Moura (1977; 1988; 1994;)¹², no Partido Comunista Brasileiro (PCB), Lélia Gonzalez (1982; 2020)¹³, no Movimento de Mulheres Negras e Beatriz Nascimento (1974; 1985; 1989)¹⁴ no Grupo de Trabalho André Rebouças¹⁵.

⁹ Ver Freyre, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2019.

¹⁰ Ver Pierson, Donald. *Brancos e pretos na Bahia*. São Paulo: Editora Nacional 241, 1971.

¹¹ Ver Guerreiro Ramos, Alberto. *A Redução Sociológica*. 3^a edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

¹² Ver Moura, Clóvis. *Dialética Radical do Brasil Negro*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2020; Moura, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. Editora Perspectiva SA, 2020; e Moura, Clóvis. *O racismo como arma ideológica de dominação I: Lutas Sociais*, 2023.

¹³ Ver Gonzalez, Lélia; Carlos Hasenbalg. *Lugar de negro*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022; e Gonzalez, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

¹⁴ Ver Nascimento, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

¹⁵ Ver em Silva, Sandra Martins da. O GTAR (Grupo de Trabalhos André Rebouças) na Universidade Federal Fluminense: memória social, intelectuais negros e a universidade pública (1975/1995). Dissertação (Mestrado em História Comparada), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

LEITURAS DE INTELECTUAIS NEGROS PELO MOVIMENTO ESTUDANTIL

Para estruturar as leituras coletivas, o NECS considerou em seu regime interno Atividades de Formação (AF), entendidas como iniciativas que possibilitam o reconhecimento das habilidades e competências dos estudantes membros do grupo. Essas atividades estimulam práticas de estudo independentes, promovendo uma formação contínua, crítica e contextualizada sobre as questões raciais no Brasil. Componentes importantes dessas AFs foram implementados pelo NECS visando impulsionar a capacitação constante tanto dos seus membros quanto de participantes externos.

De maneira geral, defendia-se a importância de um estudo abrangente de todos os autores negros, reconhecendo a vastidão e a heterogeneidade das obras, dentre eles, destacaram-se os estudos sobre Clóvis Moura, Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento. Realizadas em um ambiente exclusivo para estudantes negros, as AFs ofereciam a oportunidade de compartilhar experiências e dificuldades comuns, oriundas de desigualdades socioeconômicas e das lacunas na formação educacional anterior que chegavam junto a esses estudantes ao ensino superior.

Essa configuração visava proporcionar um espaço em que os alunos se sentiam mais à vontade para discutir suas leituras e reflexões. Para os alunos mais tímidos ou aqueles com receio de expor suas ideias em sala de aula, o espaço buscava oferecer um acolhimento, permitindo que se expressassem livremente, sem medo de serem julgados ou desqualificados, tendo em vista as suas diferenças de formação em relação aos padrões acadêmicos.

Não se pode negar que, ao fim, havia a necessidade de compreender um sistema mais amplo no qual aqueles alunos estavam inseridos, como pertencentes a grupos racialmente minorizados, a fim de contextualizar suas próprias experiências acadêmicas e sociais dentro das relações de poder e dominação racial dentro e fora da universidade. Também estava sendo visado aumentar a visibilidade e o reconhecimento das contribuições intelectuais de autores negros nas produções científicas, desafiando as normas e hierarquias que historicamente marginalizaram esse panorama acadêmico - leia-se epistemicídio (Carneiro, 2005).

A abordagem adotada para a leitura dos textos seguia um formato convencional: inicialmente, cada participante realizava uma leitura individual, seguida pela elaboração de fichamentos também individuais. Posteriormente, ocorria um encontro síncrono para a discussão coletiva do texto, permitindo o aprofundamento e a troca de perspectivas entre os envolvidos. Essas discussões eram registradas e enviados ao Colegiado de Curso para a comprovação da realização das atividades e obtenção de certificados considerados como Atividades Complementares pela instituição.

LEITURAS DE INTELECTUAIS NEGROS PELO MOVIMENTO ESTUDANTIL

A abordagem das leituras de autores negros, evitava reducionismos ou simplificações. O processo não se diferenciava em rigor e seriedade daquele aplicado à leitura de autores brancos feitos em sala de aula. Pelo contrário, a proposta era tratar esses autores com igual profundidade crítica, reconhecendo-os como pensadores centrais e fundamentais, sem os confinar a um nicho racial.

Construído este panorama sobre a Universidade Federal Fluminense e o associativismo negro estudantil bem como a apresentação de como o NECS pensou as leituras coletivas, não me estenderei, pois João Pedro de Sá Monteiro e Geovanna Melo apresentaram seus respectivos temas de pesquisa, que refletem um engajamento contínuo com as contribuições intelectuais de Clóvis Moura e Beatriz Nascimento, autores com os quais estabeleceram vínculos significativos durante a graduação.

Esses encontros, inicialmente fomentados no movimento negro estudantil, se consolidaram em suas trajetórias acadêmicas, tornando-se pilares de suas investigações atuais. A profundidade no estudo das obras de Moura e Nascimento permitiu aos dois pesquisadores não apenas ampliar a compreensão das contribuições desses pensadores para as ciências sociais brasileiras, mas também fortalecer e expandir o legado intelectual e político dessas figuras no campo acadêmico.

2.1. Encontro com Clóvis Moura (por João Pedro Monteiro)

Venho trabalhando com Clóvis Moura desde o período da graduação. No início, durante a pandemia, junto a outros alunos negros das Ciências Sociais/UFRJ, formamos o Núcleo Negro de Ciências Sociais (NECS/UFRJ), cuja proposta de intervenção nas políticas universitárias tinha como uma de suas frentes trabalhos pedagógicos de recuperação de autores negros brasileiros que, entendíamos, haviam sido apagados das bibliografias universitárias. Através do NECS/UFRJ, conseguimos a oficialização das centenas de horas complementares que submetemos à coordenação — nossas e de outros amigos que se inspiraram e integraram a universidade paralela —, luta dura porque por algum tempo a instituição resistiu em legitimar o trabalho autônomo e independente dos alunos envolvidos. O projeto parece, agora, inacreditável, mas diante da perspectiva de que passaríamos nove meses sem aulas por causa da pandemia, construímos grupos de estudos *diários*, sempre de 21h-0h, como forma de sobrevivência, isto é, de criação e manutenção desesperada dos laços de solidariedade e

LEITURAS DE INTELECTUAIS NEGROS PELO MOVIMENTO ESTUDANTIL

afetividade no contexto unanimemente mais caótico de nossas vidas até ali, além do efeito de não parar o processo de formação interrompida durante a crise pandêmica. Formamos grupos de estudos de Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez e Clóvis Moura, o que, ao longo de um ano de discussão com estudantes universitários de vários estados do país, nos permitiu um contato muito próximo com estes autores. Minha responsabilidade à época era, principalmente no grupo sobre Moura, conduzir as discussões do grupo, porque eu era o integrante do NECS que mais havia tido contato, através de outros grupos de estudos no mesmo período, com a filosofia de Hegel e a teoria marxista. Neste momento, minha relação com Clóvis Moura era bastante mediada por essas influências, de tal sorte que conduzi os debates no sentido de compreender o vínculo dialético entre raça e classe no seu pensamento.

Mais tarde, fomos convidados pela Professora Ana Motta para regermos o curso de Relações Raciais no Brasil II, oportunidade que me proporcionou bastante aprofundamento neste autor. Eu e Elizabeth Arruda, minha fiel companheira de trabalho, elaboramos a primeira parte da disciplina dedicada à relação de Clóvis Moura com os outros autores negros que havíamos trabalhado, o que gerou um debate quente a propósito do modo como Moura desenvolve sua crítica ao culturalismo, demolindo o sólido edifício conceitual da democracia racial ao criticar todas as vias de síntese cultural que os intérpretes do Brasil idealizaram em suas teorias. A polêmica vinha na contraface porque a crítica de Moura também inviabilizava alguns dos mecanismos de idealização do negro próprios à crítica negra do mesmo período, o que identificamos em grupo principalmente ao compará-las, por exemplo, aos argumentos de Beatriz Nascimento sobre o quilombo. Eu descobriria mais tarde que isso se referia também à conflituosa relação de Clóvis Moura com o conceito de cultura. Neste momento, contudo, procurei sintetizar seus argumentos do ponto de vista do escamoteamento da dinâmica social das classes em disputa no contexto do escravismo colonial, o que gerou o segundo capítulo do meu trabalho de conclusão de curso. Neste capítulo, o conceito de raça e o racismo dos autores culturalistas apareciam como pressuposto não justificado que possibilitava o esquadrinhamento e determinação do sentido de cada elemento do quadro social e, por isso, se tratava de uma noção essencialista de cultura. No entanto, eu buscava mostrar também que o conteúdo que a função descrevia não era, por isso, *nulo*, mas — segundo Clóvis Moura — era justificatório, em primeiro lugar porque a perspectiva funcionalista pressupõe a unidade não-contraditória do social e, com isso, inviabiliza a sua percepção como dinâmica e contraditória; em segundo, porque esta forma de pensamento surge como expressão teórica da expansão da dominação do

LEITURAS DE INTELECTUAIS NEGROS PELO MOVIMENTO ESTUDANTIL

capitalismo. Neste sentido, o conteúdo das formas raciais aparecia formalmente já como conteúdo *justificador*, o que o devolvia à sua racionalidade quando interpretados enquanto expressão intelectual da posição de uma classe dominante ou que, pelo menos, gostaria de ser. Assim, os conceitos construídos a partir do pressuposto racial, por mais dinâmicos que pudessem parecer na montagem dos jogos de oposição das trocas culturais, não eram capazes de se vincularem à racionalidade das contradições materiais das quais as trocas culturais eram produtos. O mesmo problema teórico parecia se repetir no pensamento dos autores negros, por não levarem à contradição a oposição que o negro performava nas representações do social das suas teorias. A ênfase na contradição, na luta de classes, como forma de retirar o negro do imobilismo, procurei argumentar ao longo de todo esse ano e meio de trabalhos, era o fulcro do pensamento de Clóvis Moura.

O projeto de mestrado que submeti para USP, o segundo produto deste fértil período de contato com a teoria negra mediado pelo NECS/UFP, visava relacionar esta crítica de Clóvis Moura à escola de pensamento econômico hegemônica de seu período, o desenvolvimentismo brasileiro. No meu entender, uma vez capturado o vínculo entre a antropologia e a justificação do sentido do escravismo brasileiro a partir do pressuposto organicista, tratava-se agora de mostrar o vínculo do avesso, isto é, de que maneira a leitura estruturalista do econômico, ao operacionalizar o mesmo pressuposto, imobilizava o movimento do social ao escamotear o racismo inerente de sua atualização prática numa sociedade de classes poliética. Tratava-se então de estabelecer o vínculo teórico entre as barreiras sociais do racismo e a superexploração do trabalho própria do capitalismo dependente brasileiro, através da possibilidade da identificação mediada do negro ao precariado nacional. A crítica cruzada que projetei tinha como objetivo duplo a crítica do marxismo brasileiro, que, na sua fundação, repetia a tese da imobilidade negra e por isso desconsiderava a importância dos movimentos negros na dinâmica histórica do país, como também a crítica das leituras negras que prescindiram da análise de classes e se apoiavam em variações do culturalismo defendendo-os como formas de discursos radicais.

Enquanto esperava a resposta da Universidade sobre a seleção, passei ao empreendimento de recuperar os artigos de Clóvis Moura que haviam se perdido com o tempo, projeto que estava executando desde o final da graduação. Conforme fui os reencontrando, os editei e publiquei informalmente na Biblioteca Clóvis Moura, site que montei para a divulgação dos textos do autor. Quando fui aprovado, vim para São Paulo no espírito de continuar este

LEITURAS DE INTELECTUAIS NEGROS PELO MOVIMENTO ESTUDANTIL

processo de pesquisa e, logo que cheguei, visitei o acervo de Clóvis Moura no Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista, onde conheci as primeiras obras do autor. Elas me chamaram a atenção justamente porque Moura ainda trabalhava a partir da discussão do cultural. Esse tema me levou ao contato com a obra da professora Teresa Malatian, que é a primeira da fortuna crítica a apontar a importância dessa transição interna de sua obra. Meu interesse nesse material se consolidou principalmente porque o argumento que eu pretendia desenvolver na dissertação dependia ainda de que eu determinasse com clareza a relação entre o cultural e o material na sua obra, que era justamente o objeto com o qual se debatia o jovem Clóvis Moura nas suas produções iniciais. Tomei como hipótese que, ao reconstruir o movimento teórico que Moura faz neste momento, eu seria capaz de estabelecer com mais precisão de que maneira se dá essa relação nas suas obras tardias.

Ao começar a frequentar a Universidade de São Paulo, além das aulas magistrais que assisti, participei também do grupo de estudos que é coordenado pelo Professor Jean Tible, que na época desenvolvia debate sobre o *Sociologia do Negro Brasileiro*, de Clóvis Moura, para o qual apresentei um trabalho em uma das sessões. Terminado este livro, o professor Tible propôs a discussão do recém lançado *Marxismo Negro* de Cedric Robinson, que foi nosso objeto de debates ao longo de dois meses. Vacinado contra o culturalismo por Clóvis Moura, minhas objeções iniciais ao texto de Robinson se dirigiam principalmente ao modo ingênuo com o qual ele criticava Marx, e apontei como essa crítica, ao tentar se desfazer da exigência de imanência do discurso crítico de Marx à lógica do capital como mera expressão de uma racionalidade branca essencializada, buscava construir como solução uma noção também essencializada de tradição radical negra, que em seu bojo contém apenas a demanda indeterminada de negação da civilização (branca). O elemento dinâmico que Robinson aponta como característica da tradição radical negra, a fuga do escravo, implementa essa demanda por meio da reconstrução de seus padrões culturais *ao lado* da civilização ocidental, o que não leva em conta a contradição estrutural que explicaria, por exemplo, a complexa montagem do racismo no capitalismo dependente. Por fim, ao definir a tradição radical negra como *pacífica*, Robinson essencializou justamente sua *oposição* à civilização ocidental, passo que fundamenta teoricamente sua aposta política no nacionalismo negro. A importância de Robinson na minha pesquisa se consolidou quando fui convidado ao *Seminário Marxismo Negro*, que ocorreu no Centro de Pesquisa e Formação do SESC em 2023. Foi então que desenvolvi o interesse de trabalhar diretamente com a crítica da dialética entre cultura e civilização — pelo menos na versão de Cedric

LEITURAS DE INTELECTUAIS NEGROS PELO MOVIMENTO ESTUDANTIL

Robinson — a partir do produção inicial da obra de Clóvis Moura, para com isso redefinir, à luz de seu marxismo negro, o que se poderia compreender como *tradição radical negra*.

Passei o resto do ano rastreando as referências teóricas de Clóvis Moura em seus artigos, sistematizando o acervo digital de Moura que o CEDEM havia disponibilizado, relendo Marx, participando dos grupos de estudos de Hegel e Espinosa e das aulas na USP. A principal das descobertas deste período, que se tornou um objeto de estudos privilegiado, foi a produção teórica de Afonso Arinos de Melo e Franco ao longo dos anos 30, a qual, considerando o jogo de referências explícitas e implícitas que Clóvis Moura faz a esse autor, constatei ser uma das chaves interpretativas dos artigos “culturalistas” de Moura dos anos 40. Optei por considerar sua obra em continuidade com o projeto das interpretações do Brasil — um pouco fora de esquadro, como notou Nelson Werneck Sodré —, compreendendo-a como uma tentativa de síntese formal da *matéria brasileira*. A especificidade da realidade nacional, a qual constitui o objeto privilegiado dessas teorias, é perpetuamente marcada por oposições sociais atrozes cujo aspecto privilegiado de análise era o racial. Segundo a proposta de síntese de Afonso Arinos, que parte da morfologia das culturas spengleriana, a cultura é o produto da relação entre o homem e a natureza tomado do ponto de vista da formação de uma consciência coletiva em grande medida explicada por fatores psicológicos, e a civilização é o produto da mesma relação, porém tomado do ponto de vista da concretização mediada pelo desenvolvimento da técnica, ou seja, da atualização material das representações culturais. Clóvis Moura, ao tratar da síntese entre os realistas e idealistas da cultura em seu texto de 1944, se dedica precisamente à revisão crítica desta divisão abstrata de Afonso Arinos, bem como à sua pressuposição da prioridade da ideia em relação à prática como modelo, que tende à mecanização da dinâmica. Trata-se, assim, do início do desenvolvimento da crítica que eu havia identificado nas suas obras tardias às posições teóricas que não chegam a formular a contradição, posições cuja função ideológica é o escamoteamento da dinâmica de classes, chave para a compreensão da sua elaboração teórica e do sentido de sua transição. Chamou minha atenção que a posição política que Afonso Arinos defende nesse período é, como em Robinson, a do nacionalismo — é claro, nacionalismo à mineira — através de uma compreensão sintética da unidade cultural de um povo; contudo, a teoria de Afonso Arinos é, indiscutivelmente, um mecanismo teórico de justificação da síntese cultural produzida pela dominação colonial, enquanto a de Cedric Robinson tem como conteúdo a recusa da racionalidade ocidental através da afirmação da tradição radical negra. Com esta intuição comparativa, entendo ser possível a execução do movimento de crítica cruzada que eu

LEITURAS DE INTELECTUAIS NEGROS PELO MOVIMENTO ESTUDANTIL

havia me proposto inicialmente, porque o procedimento crítico que Clóvis Moura desenvolve no começo de sua obra, ao mesmo tempo que se volta contra a unilateralidade da perspectiva culturalista que ocasiona o escamoteamento da dinâmica material de uma sociedade de classes, recupera o sentido revolucionário da potência histórica da resistência cultural da luta negra.

2.2. Encontro com Beatriz Nascimento

Como dissertado amplamente nos momentos posteriores deste trabalho, o Diretório de Estudos Negros de Ciências Sociais assumiu, sobretudo durante a pandemia da Covid-19, a proposta de resgatar a obra de grandes intelectuais negros cujas produções teóricas, culturais e, sobretudo, políticas buscavam contribuir para o pensamento social brasileiro. Ao longo de todo o percurso, afirmamos de forma enfática e clara que a intenção não era relegar esses autores a uma suposta “ciência negra brasileira”, mas sim situá-los como parte integrante do pensamento social brasileiro de maneira ampla.

A leitura crítica desses autores sobre as dinâmicas sociais da nova democracia industrial, que se consolidava no pós-abolição e ao longo do século XX, atravessou diversos campos e vertentes do pensamento. Alguns autores concentraram-se mais na afirmação da cultura, da memória e da identidade negra — como é o caso da intelectual Beatriz do Nascimento, figura central desta seção —, em contraposição a autores que se debruçam sobre a rebelião racial vinculada à exploração de classe, como é o caso de Clóvis Moura.

Cada autor, a seu modo e a partir de uma leitura particular da sociedade brasileira, direciona seu olhar para a forma como a racialidade atravessa e conforma as dinâmicas sociais.

Dentre os autores trabalhados, a autora Maria Beatriz do Nascimento desenvolveu uma longa produção teórica que voltou primordialmente uma interpretação singular da experiência negra no Brasil, centrando-se especialmente no papel dos quilombos como formas autônomas de existência e resistência da população negra - sendo a temática quilombola o objeto central das minhas pesquisas acadêmicas desde a graduação.

Nascimento desenvolveu uma interpretação singular da experiência negra no Brasil, centrando-se especialmente no papel dos quilombos como formas autônomas de existência e resistência da população negra (Nascimento, 1985). Ao contrário de abordagens que viam os quilombos apenas como focos de insurgência contra a escravidão, Beatriz os concebeu como espaços de continuidade cultural africana, territórios fundados na ancestralidade, no

pertencimento coletivo e em formas próprias de organização social. Para ela, os quilombos são mais do que resistência: são experiências históricas de liberdade, baseadas em valores comunitários herdados de matrizes africanas.

Sua produção teórica e política insere-se em uma perspectiva que busca valorizar as experiências vividas, a oralidade e a memória coletiva como fontes legítimas de conhecimento, Beatriz desafia os modos tradicionais de produção de saber na academia. A sua epistemologia busca romper com a exclusão do pensamento negro e com a marginalização das formas não ocidentais de organização social e política. Para a autora, a fala das comunidades negras é em si uma forma de teoria, com base na vivência e na resistência cotidiana

Durante toda produção teórica de Beatriz, a autora disserta que a resistência negra não se resume à luta contra o racismo, mas comprehende igualmente a preservação da cultura, da história e da identidade do povo negro. Ela articula, de maneira profunda, o território e a identidade como elementos fundamentais para a construção de políticas públicas voltadas para as populações quilombolas. Dessa forma, propõe que os quilombos sejam reconhecidos não apenas como grupos vulneráveis, mas como sujeitos políticos e epistemológicos, capazes de produzir conhecimento e reivindicar seus direitos com base em suas próprias formas de existência.

Neste sentido, venho abordando ao longo da minha produção teórica sobre os modos pelos quais as populações negras foram excluídas do que Ilka Leite (2010) chama de ordenamentos jurídicos de um Estado com cicatrizes coloniais. Este fato entremeia a utilização dos equipamentos públicos para promover a exclusão e a negação de direitos a alguns sujeitos sociais.

Trabalho a partir da revisão dos textos de leis e normas federais feitos para normatizar e regularizar elementos que concernem a vida quilombola. E nesta via, me apego ao que Beatriz postula como o reconhecimento de formas autônomas de vida e organização social, entendendo que, de igual forma que se entende quilombola como um grupo que possui uma trajetória territorial e cultural próprias, há a necessidade de fortalecimento de políticas públicas próprias para o grupo. Em outros termos, Arruti (2009) argumenta que as condições de existência das populações quilombolas são, na maioria das vezes, tratadas apenas como uma expressão extrema da pobreza, o que reduz sua especificidade à mera exclusão social. O autor identifica duas abordagens predominantes nas políticas públicas voltadas a essas comunidades: a primeira propõe ações formuladas exclusivamente para os quilombolas, reconhecendo a dívida histórica

LEITURAS DE INTELECTUAIS NEGROS PELO MOVIMENTO ESTUDANTIL

decorrente da escravidão e da exclusão dos serviços estatais, aproximando-se das políticas voltadas à população negra em geral; a segunda, mais abrangente, considera não apenas a exclusão, mas também as formas próprias de organização social e cultural desses grupos, propondo políticas baseadas no reconhecimento das diferenças. Assim, os quilombolas são frequentemente tratados como comunidades diferenciadas no campo fundiário, mas como indivíduos pobres nas políticas sociais genéricas. Embora ambas as abordagens envolvam reconhecimento e redistribuição, apenas a segunda propõe políticas verdadeiramente específicas e substantivamente diferenciadas.

Toda essa análise subsidia uma aproximação entre o que, ao longo de todo o século XX, posicionava o quilombo como uma categoria racial, cultural e histórica, e os quilombos enquanto sujeitos políticos e epistemológicos frente às dinâmicas sociais de classe. Esses elementos foram fundamentais para que os graduandos que frequentavam as aulas e encontros do NECS pudessem desenvolver uma compreensão mais ampla sobre temas vinculados à cultura, ao território — enquanto objeto de identidade e memória, mas também como categoria fundiária —, bem como sobre os chamados essencialismos raciais associados ao *mrito da democracia racial* que perdurou durante todo o século. Beatriz possibilitou uma compreensão robusta sobre as ideias de uma identidade social negra.

Considerações finais

Esta experiência, ainda que particular a um grupo de pessoas, evidencia como a inclusão de intelectuais negros nos processos de leitura e debate coletivo enriquece o ensino-aprendizagem dos alunos em ciências sociais, tornando-o mais completo e multifacetado. Nota-se que o associativismo negro desempenhou um papel central ao trazer à tona perspectivas historicamente marginalizadas, contribuindo para o avanço de reflexões críticas e para a renovação do campo acadêmico.

O papel da docência foi essencial para a penetração e consolidação dessas práticas dentro da instituição como uma aliança antirracista e de classe. Docentes comprometidos com a promoção de uma ciência social mais inclusiva não apenas legitimaram o diálogo entre as práticas associativistas e o ensino formal, mas também abriram espaço para que esses debates fossem incorporados ao ambiente acadêmico de maneira estruturada. A mediação docente foi

crucial para articular saberes, promovendo um ensino crítico que ultrapassou as fronteiras curriculares tradicionais.

O aprofundamento nas obras de autores negros e sua articulação com práticas associativistas permitiram construir uma ciência social que dialoga diretamente com a realidade. Esse movimento não apenas enriquece o campo acadêmico, mas também reafirma a necessidade de ampliar o alcance do pensamento crítico e diverso, rompendo com as barreiras que frequentemente limitam a inclusão de perspectivas plurais no pensamento social (Arruda, 2022).

Ao fomentar novas formas de pensar e produzir conhecimento, o ensino das ciências sociais reafirma seu papel como espaço de crítica e transformação. O associativismo negro, ao tensionar debates e ampliar horizontes teóricos, contribuiu para consolidar uma abordagem interdisciplinar e engajada, essencial para enfrentar os desafios contemporâneos. Assim, espera-se que tais iniciativas continuem a influenciar positivamente os caminhos da ciência social, promovendo práticas pedagógicas que integrem multiplicidade, rigor crítico e relevância social.

Referências

ABRAMO, Helena W.; VENTURI, Gustavo; CORROCHANO, Maria C. Estudar e trabalhar: um olhar qualitativo sobre uma complexa combinação nas trajetórias juvenis. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 39, n. 3, p. 523-542, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25091/s01013300202000030004>. Acesso em: 09 ago. 2025.

ARRUTI, José Maurício Andion. Políticas públicas para quilombos: terra, saúde e educação. In: PAULA, M.; HERINGER, R. (orgs.). **Caminhos convergentes**: Estado e sociedade na superação das desigualdades raciais no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll / Action AID, 2009. p. 75-110.

ARRUDA, Elizabeth. Quero todos meus filhos aos pés de Xangô com anel de doutor: uma reflexão crítica sobre a produção científica e seu diálogo com a ação social. In: NEDER, Gizlene; MOTTA, Ana M. R. (orgs.). **Gramática dos Sentimentos Políticos**: Pensar a Assistência Social com a História. Rio de Janeiro: Mauad X, 2022. p. 123-133.

BARBOSA, Santos M. Os coletivos negros e antirracistas da Universidade Federal Fluminense no contexto dos conflitos raciais durante o processo de implementação das ações afirmativas. **Revista em favor de Igualdade Racial**, v. 5, n. 1, p. 73-87, 2022.

CAMPOS, Luiz A. **Relações raciais no Brasil contemporâneo**: a produção em artigos acadêmicos dos últimos vinte anos (1994-2013). In: XVII Congresso Brasileiro de Sociologia, Porto Alegre, 2015. Disponível em:

<http://automacaodeeventos.com.br/sociologia/sis/inscricao/resumos/0001/R1236-1.pdf>.
Acesso em: 09 ago. 2025.

CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação.** 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GOHN, Maria da Glória. **Novas teorias dos movimentos sociais.** 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2014.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e lutas pela educação no Brasil:** experiências e desafios na atualidade. Palestra apresentada na Conferência de Encerramento da ANPEd Sul 2016, Curitiba, PR, 2016. Disponível em: <http://www.anpedsl2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/Palestra-de-Encerramento-Maria-da-Gloria-Gohn.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2025.

Grupo de trabalhos André Rebouças – GTAR. **XI semana de estudos sobre a contribuição do negro na formação social brasileira.** 16 a 20 de setembro de 1985. Instituto de Educação Prof. Ismael Coutinho, Trav. Manoel Continentino, 31, São Domingos, Niterói-RJ.
Disponível em: <https://projetoceaa.com.br/pdfs/movimento-negro/ensino/xi-semana-de-estudos-sobre-a-cont-1985.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2025.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A redução sociológica.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A.; RIOS, Flávia; SOTERO, Edilza. Coletivos negros e novas identidades raciais. **Novos estudos CEBRAP**, v. 39, p. 309-327, 2020.

LEITE, Ilka Boaventura. Humanidades insurgentes: conflitos e criminalização dos quilombos. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno, et al. **Nova Cartografia Social:** Territórios quilombolas e conflitos. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2010. p. 17-41. (Cadernos de Debates, v. 01, n. 02). ISBN 978-85-7883-147-9.

MOTTA RIBEIRO, Antonio Marcos; MORAIS, Heitor Bonfim de; SOUZA, Maria José Andrade de; OGURI FREITAS, Emerson. Sociologia Viva: uma proposta de construção de uma rede latino-americana de observatórios fundiários e núcleos de pesquisa e extensão focados em situações de conflito agroambientais rurais e nas lutas por terra. **Retratos de Assentamentos**, v. 21, n. 1, p. 71-96, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.25059/2527-2594/retratosdeassentamentos/2018.v21i1.300>. Acesso em: 09 ago. 2025.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2020.

MESQUITA, Marcos Ribeiro. Movimento estudantil brasileiro: práticas militantes na ótica dos novos movimentos sociais. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 66, p. 117-149, 2003.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. **Afrodiáspora**, n. 6-7, p. 41-49, 1985.

LEITURAS DE INTELECTUAIS NEGROS PELO MOVIMENTO ESTUDANTIL

OLIVEIRA, Guilherme dos Santos. **Coletivos de estudantes negros no ensino superior brasileiro:** políticas da diversidade e organização política estudantil. 88 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2019.

PEIXOTO, A. de L. A.; RIBEIRO, E. M. B. de A.; BASTOS, A. V. B.; RAMALHO, M. C. K. Cotas e desempenho acadêmico na UFBA: um estudo a partir dos coeficientes de rendimento. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 569-592, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772016000200013>. Acesso em: 26 abr. 2025.

PINHEIRO, D. C.; PEREIRA, R. D.; XAVIER, W. S. Impactos das cotas no ensino superior: um balanço do desempenho dos cotistas nas universidades estaduais. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, e260020, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260020>. Acesso em: 09 ago. 2025.

RIBEIRO, Ana Maria Motta. Plano de Atividades 21.2 (21/10 até 12/02). Sociologia das Relações Raciais I – **Ciência negra, marxismo negro e insurreição pedagógica negra no Brasil**. Departamento de sociologia e metodologia das ciências sociais. Universidade Federal Fluminense, 2021. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1Pj17c4NeDrjRs6R_bIM9ly5NyTVtu4_A/view. Acesso em: 09 ago. 2025.

SENADO FEDERAL. PEC que restringe gastos públicos é aprovada e vai a promulgação. **Senado Notícias**, Brasília, DF, 13 dez. 2016. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/13/pec-que-restringe-gastos-publicos-e-aprovada-e-vai-a-promulgacao>. Acesso em: 09 ago. 25.

SILVA, A. C. C. D.; CIRQUEIRA, D. M., RIOS, F.; ALVES, A. L. M. Ações Afirmativas e Formas de Acesso no Ensino Superior Público: O caso das comissões de heteroidentificação. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 39, n. 2, p. 329–347, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25091/s01013300202000020005>. Acesso em: 09 ago. 2025.



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.